

A TECTÔNICA CENOZÓICA E A EVOLUÇÃO DO RELEVO NO NORDESTE DE
MINAS GERAIS E SUL DA BAHIA: uma reinterpretação preliminar

**A TECTÔNICA CENOZÓICA E A EVOLUÇÃO DO RELEVO NO NORDESTE
DE MINAS GERAIS E SUL DA BAHIA: uma reinterpretação preliminar**

Ferraz, C.M.L.¹;

¹ICET/UFVJM *Email: caio.ferraz@ufvjm.edu.br*;

RESUMO:

A evolução intraplaca do relevo é cercada de desafios, especialmente em áreas remotas do território. Poucos trabalhos em Geomorfologia miram o nordeste de Minas Gerais e Sul da Bahia e alguns apresentam avanços, mesmo que grande parte da região figure como “áreas dissecadas”. O objetivo do trabalho é propor nova interpretação da Geomorfodinâmica da área investigada. Como resultado, novos remanescentes de paleo-superfícies foram identificados e evolução do relevo pode ser bem entendida.

PALAVRAS CHAVES:

Geomorfodinâmica; Desnudação; Reinterpretação

ABSTRACT:

The evolution of intraplate landscape is surrounded by challenges, especially in remote areas of the country. Few works in Geomorphology vie northeastern Minas Gerais and southern Bahia and some feature improvements, even though much of the region appear as "dissected areas". The objective is to propose a new interpretation of Geomorphodynamics the investigated area. As a result new paleo- surfaces residuals were identified and evolution of relief can be understood as a whole.

KEYWORDS:

Geomorphodynamics; Denudation; Reinterpretation

INTRODUÇÃO:

Distantes dos grandes centros de pesquisa, porções do nordeste de Minas Gerais e sul da Bahia apresentam severa escassez de trabalhos que contemplem sua geomorfodinâmica Mesozóico-Cenozóica. Alguns esforços apreciam áreas específicas, a exemplo da Serra

A TECTÔNICA CENOZÓICA E A EVOLUÇÃO DO RELEVO NO NORDESTE DE MINAS GERAIS E SUL DA BAHIA: uma reinterpretação preliminar

do Espinhaço e das “Chapadas” do Jequitinhonha, sendo ainda raros os que abordem áreas de dissecação fluvial das bacias do Mucuri, Jucuruçu e São Mateus. Neste cenário, mesmo com o recente advento da Universidade Federal dos Vales do Mucuri e Jequitinhonha, avanços são lentos e referida carência de publicações que contemplem a região especificada dificultam ampliação contínua de conhecimentos, permanecendo ainda mais perguntas do que respostas sobre a evolução do relevo da área. No entanto, esforços de Ferraz e Valadão (2005; 2006) e Ferraz (2006), ao abordarem especificamente a área, servem de base para reflexões e discussões, ainda que sugeridas pelos próprios pesquisadores, com relação a resultados anteriormente publicados. Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar uma nova interpretação a respeito de precedentes publicações sobre a evolução do relevo no nordeste de Minas Gerais e Sul da Bahia, apresentando informações complementares, até então ignotas, que possibilitam um melhor entendimento da geomorfodinâmica de longo termo da área investigada. Uma vez que este trabalho, assim como os anteriores, se baseou na identificação dos remanescentes das superfícies de aplanamento existentes na área investigada, a evolução do relevo é interpretada a partir de deformações exercidas os remanescentes destas superfícies pela mobilidade crustal cenozóica, bem como (neste caso, principalmente) no desmonte das mesmas pela dissecação fluvial que caracteriza relevo da região. Estes esforços permitem ampliar interpretação já existente, identificando maior número de possíveis remanescentes de superfícies de aplanamento.

MATERIAL E MÉTODOS:

Este trabalho, ainda que se trate de retomada de investigações anteriores, paralisadas em 2006, se iniciou a partir de revisão de modelos morfogenéticos que versam sobre evolução do relevo adjacente a margens continentais passivas e desenvolvimento de superfícies de aplanamento. Este esforço visou elaboração de sistema teórico-conceitual que embasasse o trabalho. Consulta bibliográfica também objetivou reconhecimento do substrato lito-estrutural da área e, ainda em gabinete alaboraram-se seções topográficas regionais e cartografia geomorfológica, resultando na identificação da drenagem da área e de elementos topográficos representativos. A esta cartografia foram acrescentadas informações sobre principais elementos estruturais e coberturas neocenozóicas existentes na área. Como resultado, obteve-se mapas (i) das principais unidades de relevo (ii) da rede hidrográfica simplificada, (iii) da estruturação geológica fundamental e (iv) das coberturas neocenozóicas – e solos – da área investigada. Os trabalhos de campo objetivaram reconhecimento do relevo e estabeleceram relações entre os remanescentes das superfícies de aplanamento e as formações superficiais os que os capeiam. Uma primeira etapa de trabalhos de campo se deu de 2004 a 2006. A retomada destes esforços em 2011 possibilitou identificação de outros elementos morfológicos, coberturas superficiais e anomalias de drenagem, que se somaram aos dados obtidos nas primeiras campanhas. A partir destes esforços, remanescentes das superfícies de aplanamento previamente reconhecidos foram confirmados e outros, anteriormente não compreendidos, tiveram importância reavaliada. As formações superficiais que capeiam remanescentes são configuram elementos de balização cronológica para interpretação geomorfodinâmica mais ampla do que considerado anteriormente (até 2006). As

A TECTÔNICA CENOZÓICA E A EVOLUÇÃO DO RELEVO NO NORDESTE DE MINAS GERAIS E SUL DA BAHIA: uma reinterpretação preliminar

informações de campo e gabinete foram analisadas de modo integrado, propondo-se nova interpretação da evolução do relevo da área investigada.

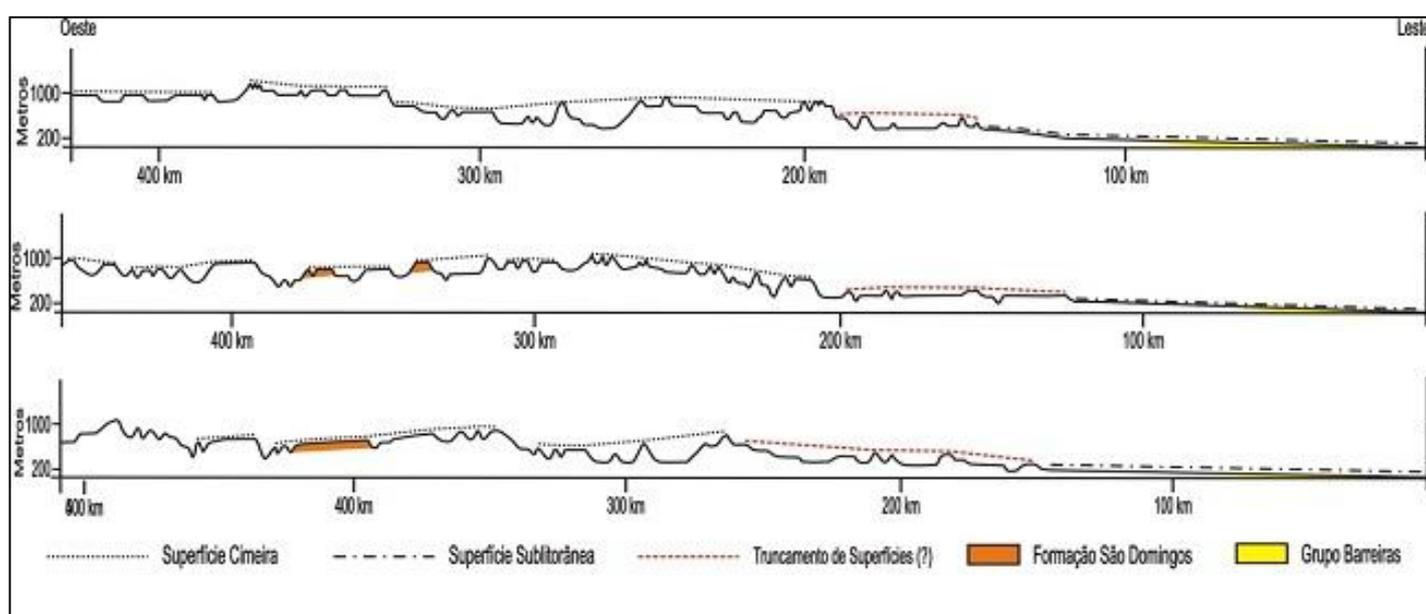
RESULTADOS E DISCUSSÃO:

A área investigada por este trabalho configura corredor com eixo maior leste oeste, delimitado a oeste pela Serra do Espinhaço e a leste pelo Oceano Atlântico. Possui limites meridionais quase coincidentes com a latitude de Teófilo Otoni, MG, demarcado a norte pela latitude de Padre Paraíso, Minas Gerais. O substrato litológico é composto por rochas arqueano-proterozóicas de variado grau metamórfico e coberturas neocenoicas (Formação São Domingos, capeando “chapadas” do Jequitinhonha e Grupo Barreiras, encimando os Tabuleiros Costeiros do sul da Bahia). O relevo é caracterizado, a oeste, pela Serra do Espinhaço e “Chapadas” do Planalto do Jequitinhonha, modelado de intensa dissecação fluvial na porção central e tabuleiros próximos ao litoral (Figura 1). Mesmo inexistindo grande volume de trabalhos sobre a região, Saadi (1991); Ferraz (2006) e Ferraz e Valadão (2006) apresentam informações suficientes para compreender sua geomorfodinâmica, identificando superfície de aplainamento que teria evoluído do Aptiano/Albiano ao Mio-Plioceno: Superfície Cimeira. Explicam que os remanescentes desta superfície, “Chapadas” do Jequitinhonha, apresentam como coberturas superficiais Latossolos vermelho-amarelo laterizados e sedimentos da Formação São Domingos (Figura 1). Afirmam que as coberturas conferem identidade à superfície e esclarecem que soerguimentos crustais neógenos interromperam o seu desenvolvimento, por intensificação da ação da rede de drenagem (especialmente das bacias do Mucuri, Jucuruçu e São Mateus). Disso resulta modelado de dissecação fluvial estruturalmente direcionada indiscriminado como “áreas dissecadas”. Não reconhecem remanescentes desta superfície na porção central da região. Próximo ao litoral Ferraz (2006) e Ferraz e Valadão (2006) identificaram remanescentes da Superfície Sublitorânea: Tabuleiros Costeiros recobertos por sedimentos do Grupo Barreiras (Figura 1) e Latossolos amarelos laterizados. Tal superfície teria evoluído durante o Mio-Plioceno ao Pleistoceno. Esta reconstituição permite entender que há remanescentes de superfícies de aplainamento nos setores leste e oeste da área investigada. No entanto, mesmo que a Superfície Cimeira tenha ocorrido nesta região, as “áreas dissecadas” não apresentam residuais dos aplainamentos. Isso gera questionamentos uma vez que a superfície teria se estendido do litoral à Serra do Espinhaço. No entanto, análises recentes parecem apontar em uma nova e mais ampla direção: os morros que caracterizam as áreas dissecadas podem ser remanescentes da Superfície Cimeira. Embora não apresentem a mesma continuidade das “Chapadas” do Jequitinhonha, é possível reconstituir a superfície a partir dos níveis somitais destes morros (figuras 1 e 2) em continuidade com aquelas “chapadas”, exibindo rampeamento em direção ao litoral que é perfeitamente coerente com aplainamento que se estendeu da linha de costa à Serra do Espinhaço. Mesmo que a tectônica cenozóica tenha descaracterizado, localmente, esta continuidade altimétrica, é possível verificar sua existência nas figuras 1 e 2. Um elemento morfológico pode não ser suficiente para determinar que tais feições sejam remanescentes de uma paleo-superfície, mas capeando estes morros predominam Latossolos vermelho-amarelos laterizados que exibem

A TECTÔNICA CENOZÓICA E A EVOLUÇÃO DO RELEVO NO NORDESTE DE MINAS GERAIS E SUL DA BAHIA: uma reinterpretação preliminar

atributos físico- químicos muito semelhantes aos existentes nas “Chapadas” do Jequitinhonha. Se estes solos conferem identidade àqueles remanescentes, aliados à continuidade morfo-altimétrica, podem ter mesma função nas áreas dissecadas. Ainda que o relevo dissecado seja entendido como resultado do desmanche desnudacional da Superfície Cimeira, seus níveis somitais podem ser testemunhos deste aplainamento, reforçando interpretação de que a superfície teria alcançado extensão geográfica significativa durante o Cretáceo ao Neógeno.

Figura 1



Seções topográficas E-W da área investigada.

A TECTÔNICA CENOZÓICA E A EVOLUÇÃO DO RELEVO NO NORDESTE DE MINAS GERAIS E SUL DA BAHIA: uma reinterpretação preliminar

Figura 2



Modelado de dissecação fluvial nas proximidades de Teófilo Otoni.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Trabalhos anteriores apresentaram evolução do relevo do nordeste de Minas Gerais e sul da Bahia, identificando remanescentes de paleo-superfícies e propondo cronologia dos eventos morfodinâmicos. No entanto, estes não enfocam a porção central da região, indiscriminando-a como “demais áreas dissecadas” que, por sua vez, pode apresentar remanescentes da Superfície Cimeira, já que existe continuidade morfo-altimétrica em sua topografia e apresentam coberturas superficiais coerentes com os mais seguros testemunhos do aplanamento reconhecido nas “Chapadas” do Jequitinhonha – Superfície Cimeira de Ferraz (2006). O modelado dissecado da porção central da área investigada é resultado do desmonte por dissecação fluvial da Superfície Cimeira, mas seus níveis somitais podem ser considerados como remanescentes da mesma. Sendo assim, é possível compreender a amplitude alcançada por este aplanamento, que formou superfície que se estendeu do Atlântico aos rebordos escarpados da Serra do Espinhaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FERRAZ C.M.L.; VALADÃO, R.C. Barreiras: Formação ou Grupo? (Contribuições da

A TECTÔNICA CENOZÓICA E A EVOLUÇÃO DO RELEVO NO NORDESTE DE
MINAS GERAIS E SUL DA BAHIA: uma reinterpretação preliminar

Análise Geomorfológica do Litoral Sul da Bahia e das “Chapadas” do Jequitinhonha).
In: X Congresso da ABEQUA, Guarapari, 2005.

FERRAZ C.M.L.; VALADÃO, R.C. Geomorfodinâmica adjacente a margem
continental passiva: estudo de caso do nordeste de Minas Gerais e sul da Bahia. In: XII
Congresso Brasileiro de Geografia Física Aplicada. 20p. Natal, 2006.

FERRAZ, C.M.L. A Evolução do relevo Adjacente à Margem Continental Passiva
Brasileira: das “Chapadas” do Jequitinhonha à Planície Costeira do Sul da Bahia. 2006.
104 p. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Geografia, Universidade Federal de
Minas Gerais, Belo Horizonte.

SAADI, A. Ensaio sobre a morfotectônica de Minas Gerais. Instituto de Geociências,
Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Tese de Professor Titular, 285p,
1991.

THOMAS, M. A.; SUMMERFIELD, M.A. Long-term landform development: editorial
introduction. In: Gardiner, V. (ed.). International Geomorphology. John Wiley & Sons
Ltd, part II, 1987, p:927-933, 1987.